

Distopia Utópica

**Sara Costa**

(menção honrosa [Categoria A](#); pseudónimo utilizado: Annabel Lee)

**Citação:** Sara Costa, "Distopia Utópica", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 2 (2004). ISSN 1645-958X

<<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.htm>>

"Torceram o evangelho como se fosse uma lei de chumbo, para modelá-lo segundo os maus costumes dos homens". Thomas More

\* \* \*

– É como te digo, Ana, ele não pretendia abolir de todo a nossa habitação corpórea, ele limitou-se a estabelecer uma ordenação onde a ideia superava os sentidos, ele pode ser considerado um profeta porque, afinal de contas, conjecturou o estado progressivo da ciência, o estado no qual nos encontramos hoje. Repara, a humanidade tem realizado um percurso minucioso para cumprir o pensamento dele. Primeiro passámos pela cegueira, depois pela descoberta, depois a arrogância, seguiu-se ainda o período da consciencialização, até finalmente conseguirmos dominar a natureza. Mas a humana, não a natureza exterior. O nosso conhecimento é total porque conhecemos o seu limite.

E ali estávamos nós, eu e o João, sentados sobre a terra, como que a tentar auscultar-lhe as delicadas veias. O luar distendia os seus pequenos braços por dentro dos nossos corpos. Ouvia-te falar de Platão, ouvia as tuas meditações simples sobre a sociedade contemporânea. Perguntava-me se era realmente algo com o peso de perturbar-te ou se apenas me tentavas impressionar porque, afinal de contas, qualquer miúdo de dez anos que comece a divagar por entre as hermenêuticas platónicas no primeiro encontro, só pode mesmo querer impressionar! Mas passados alguns anos, julgo que me apercebi do que é que querias dizer...

Nunca tinha colocado como hipótese a existência de realidades inferiores em alguma parte do universo. Julgo que não faz parte do intelecto humano reflectir acerca daquilo que lhe é inferior para não cair na tentação do comodismo e logo na estagnação, mas isto faz parte das descobertas recentes da psicologia. O Homem comum toma estas acções do nosso cérebro como instintivas. Talvez este tipo de comportamento cerebral nem sempre tenha sido como é agora, em 2704. Nunca tinha formulado sequer uma distopia antes, mas tudo aponta para que aquilo que é para nós hoje uma distopia, na verdade, seja um retrocesso na história e na evolução humana. Sabemos que a mente humana acompanhou a ampliação da ciência e se desenvolveu brutalmente nos últimos séculos mas também sabemos que as energias não renováveis, apesar de algumas soluções impensáveis há sete séculos atrás, não demorarão nenhuma eternidade a findar. O fim dessas energias provocará o desaparecimento da tecnologia, que por sua vez provocará o retrocesso que afectará, nas gerações vindouras, a sociedade actual a todos os níveis.

Estas reflexões que aqui exponho iniciaram-se após a morte da minha mãe. A minha mãe faleceu há uma semana, durante a noite, vítima de paragem cardíaca. Eu não estava em casa, estava nos ensaios de teatro e quando cheguei ela tinha acabado de ir para o hospital. A minha irmã escrevia, serena. O meu pai não estava.

– O que é que se passa? – perguntei.

– A mãe está no hospital.

– Hospital?

– Sim, teve um ataque cardíaco. Os médicos informaram-nos de que há poucas hipóteses de sobreviver. – o tom do diálogo era calmo mas sobre a atmosfera já se abatia, aos poucos, um doloroso silêncio.

– Deixa-me ler... – pedi, tirando-lhe delicadamente o caderno da mão. Podia ler-se: “hoje não somos mais do que uma lágrima em pedaços, / hoje sei que te vou procurar entre os dedos / mas a minha voz rasgar-se-á ao tentar atravessar a solidão”

O meu pai chegou do hospital e trouxe a confirmação da morte.

Sim, hoje em dia, o Homem comum sabe lidar com a morte, sabe lidar com a dor, mas isso tem um preço, um custo. No dia seguinte, no funeral, o meu pai tocou ao piano as músicas que compôs durante a madrugada. Todos se moldaram à postura de quem aprecia arte e naturalmente tiveram o seu momento de lágrimas, quem o teve, quem realmente sentiu necessidade disso como eu senti, como a minha irmã, como o meu pai que tocava, como quem realmente sentiu necessidade disso e teve oportunidade de o fazer porque o descomprimiu através da apreciação da arte. Sim, no mundo moderno a beleza é triste, a arte é um reflexo de dor profunda, de pesar. Até porque no mundo moderno só existe

a dor profunda, não há negativismos ilusórios, muitas vezes confundidos com mágoa. A avançada consciência do Homem só lhe permite sentir os prazeres, o deleite, a felicidade. O Homem moderno sabe que a única utilidade da dor é que ela é essencial para a existência da alegria, é um equilíbrio básico necessário. Essa existência tão direccionada num só sentido veio dar uma resposta concreta ao papel da arte. A arte é a descompressão do Homem, porque é na arte que se reúnem as frustrações, as obsessões, as cicatrizes da alma, enfim, tudo aquilo que impede o espírito de progredir é expelido por completo para a arte e assim não afecta a vivência do Homem nas outras circunstâncias da sua existência. O Homem comum na sociedade moderna é forçosamente um artista.

\* \* \*

– Distopia seria imaginar um mundo onde a dor de uma traição, a dor de uma perda, a dor de uma deficiência física, a dor, limitasse o desenvolvimento humano. O domínio do Homem sobre a sua própria natureza é espantoso mas há espaço, há sempre espaço para retrocessos. Pode parecer-te inacreditável, mas para atingir este ponto o Homem teve primeiro de libertar-se de diversos instintos básicos ligados ao mundo físico. Por exemplo, há alguns séculos era perfeitamente comum duas pessoas apaixonarem-se com base nas suas características físicas.

– Só com base nisso?

– Exclusivamente nessa base. Para atingir o ponto onde estamos foi necessário muito domínio mental sobre a nossa fracção biológica. Os animais sentem-se atraídos uns pelos outros com base nos seus odores. O Homem teve que ultrapassar coisas muito parecidas.

– Então, distopia seria...regressarmos à nossa essência animal...

\* \* \*

Recordo-me de fragmentos de conversas que tinha com o João, quando éramos mais novos. O João sempre teve uma tendência muito acentuada para as problemáticas filosóficas. Eu ouvia-o, acompanhava-o, mas nunca dediquei às reflexões dele uma atenção verdadeira. Só que hoje é diferente. Que outros acontecimentos podem perturbar mais uma adolescente do que a morte da mãe? Há uns anos julgava-se que a emoção e a razão eram planos separados, distintos. Hoje conseguiu converter-se parte da emoção em razão. Mas esta não foi uma evolução isolada, nem poderia sê-lo, senão tínhamos tornado em seres sem escrúpulos. A sua profundidade é maior. Falo, por exemplo, no sentido ético e moral que é algo instintivo e básico no Homem de hoje. Falo nos valores que a humanidade tem como definidos, aqueles que nos afastam do materialismo, sem espaço a relativismos. Falo, por exemplo, na transformação da organização social que isso teve como consequência positiva. Recapitulo alguns fragmentos da distopia do João.

– Lembro-me de teres fundamentado que essa ideia de retrocesso está unicamente relacionada com o desaparecimento das energias não renováveis, com a poluição crescente e conseqüentemente com o desaparecimento da tecnologia, mas em que medida é que julgas ter sido a tecnologia a contribuir para o desaparecimento da tecnologia, mas em que medida é que julgas ter sido a tecnologia a contribuir para o domínio da natureza humana?

– É simples, Ana, há alguns séculos, no ano 2000, existia uma hipotética distopia formada por alguns pensadores da altura, que falava de uma sociedade que vivia através do computador. O poder da Internet era assustador. Essa distopia da época concebia um mundo de pessoas a viverem permanentemente no auge do isolamento, por trás de ecrãs ... e houve de facto uma temporada semelhante ... mas num futuro bem mais distante daquele que se imaginaria porque afinal, naquela altura, eles tinham uma visão muito deturpada da globalização. Para a globalização se propagar para o hemisfério sul (e a palavra passar a fazer sentido) foram ainda necessários alguns séculos. Então a inexistência de contacto físico durante um certo período da história foi essencial para que o Homem se afastasse dos seus conceitos básicos que lhe eram impingidos pelos controladores de massas. Digamos que os homens se afastaram para se encontrarem e hoje, o Homem tem acesso a qualquer tipo de conhecimento. A tecnologia distribui de igual forma todos os horizontes de conhecimento que o Homem desejar. Distopia seria imaginar um mundo onde poucos ou nenhum Homem tivesse acesso ao conhecimento e isso impedisse a mente de seguir os estádios evolutivos que são tomados como adquiridos naturalmente mas que, na realidade, são adquiridos naturalmente na sociedade actual e é algo extremamente recente. Porque se assistíssemos a uma regressão, se a tecnologia nos privasse do factor conhecimento, era certo que voltaríamos a um estado quase primário. Um estado de profundidade duvidosa e de profundo materialismo.

– Então, o que me estás a dizer é que devíamos valorizar o mundo actual porque este é caracterizado pela ausência da dor, transformada em arte, dando a esta um papel concreto; pelo afastamento dos nossos instintos animais e logo lançando o corpo e o mundo sensível para uma realidade que, apesar de

natural, é inferior; um mundo isento de materialismos e tendo bases éticas e morais universais seguidas como únicos alicerces sociais à semelhança de um mundo idealizado por algum profeta, algum Cristo...

Esta é uma procura interior incessante. A minha mãe faleceu há uma semana e eu estou a tentar compreender o que é que isso significa. Já percebi que para me compreender preciso de compreender o que me envolve, daí todas estas análises, mas as conclusões fogem-me como água em mãos de areia.

Talvez nenhuma teologia, seja ela gerada em que século for, tenha uma resposta satisfatória para a morte, porque até é possível eu acreditar em Deus e num mundo para lá da morte... mas a verdade é que a filosofia cristã não passa de uma bússola de salvação para a vida... todos sabem que ela utilizava a morte como um pretexto...a salvação pós-morte de que fala a Bíblia era direccionada a homens que não percebiam que a recompensa de fazer o bem era precisamente fazer o bem. Estamos condenados à insipiência da morte até à morte.

Subitamente, a porta do meu quarto abre-se, entra a minha tia, com alguma vacilação e dirige-se a mim, de voz terna:

– Então, querida, ainda acordada a estas horas? Que fazes, escreves? Isto não é fácil para ninguém... deves sentir muito a falta da tua mãe... mas tens de ir dormir... precisas de descanso...

– Sim, vou já, tia, estou só aqui a acabar um conto filosófico...

– Ah sim? E sobre o que filosofas tu?

– Sobre uma tal distopia utópica...